

Breve observação a propósito de um artigo publicado na revista *Al-Madan* Francisco Sande Lemos

No número 22 desta revista¹ publiquei um artigo de reflexão sobre o encadeamento das gerações no quadro da história recente da Arqueologia Portuguesa, com um título, devo confessar, demasiado gongórico: “A vã glória de escrever no presente a história que vai ser investigada no futuro”.

O artigo pretendia discutir uma ideia generalizada entre a comunidade arqueológica, sem contestação aparente: o protagonismo da chamada “geração do Vale do Tejo” no contexto das mudanças ocorridas na teoria e na prática da disciplina, nas décadas de 70 e 80 do século XX.

Recentemente, na *Al-Madan*, António Carlos Silva entendeu por bem aludir ao meu artigo, publicado na *Forum*, o que na verdade se justificava, já que fora ele o autor do texto publicado no “Diário de Notícias” sobre a “geração revolucionária” e que serviu de ponto de partida para a minha reflexão.

António Carlos Silva, no essencial, mantém o seu entendimento sobre a matéria, com argumentos que não discuto, para não correr o risco de repetir o que já escrevi. Há, no entanto, um pormenor do artigo daquele arqueólogo que é necessário esclarecer.

De facto, no seu texto, A.C.S. afirma que eu “desvalorizei” (sic) a intervenção dos jovens do GEPP².

E insiste, numa leitura algo precipitada do artigo da *Forum*, pois que nouro ponto transcreve uma, ou duas linhas, que não se referem à “geração revolucionária”, mas sim à geração seguinte.

De facto, quem ler o artigo da *Forum*, poderá verificar que a interpretação de A.C.S. é excessiva. Nunca tive a intenção de desvalorizar a influência dos elementos do GEPP, e da equipa do Vale do Tejo, nas transformações da Arqueologia Portuguesa, nos anos subsequentes ao 25 de Abril.

Apenas pretendi relativizar, e contextualizar, o que, obviamente, é muito diferente.

Registado este breve apontamento, nada mais me parece ser conveniente acrescentar, tanto mais que ambos pretendemos evitar uma polémica talvez demasiado específica e que não justifica novos textos.

Como é usual dizer-se, nos grandes e pequenos momentos, ou conjunturas, a História analisará o assunto em maior profundidade, se, porventura, os investigadores do futuro entenderem que o tema é digno de relevo.

Porque, na verdade, talvez esta seja uma questão que já só interessa à faixa etária da terceira idade, fixada num tempo juvenil que há muito se dissipou.

Mas pelo sim ou pelo não, fica registada esta observação.

Braga, Janeiro de 2001.

Bibliografia citada

LEMOS, F. S. (1997) – *A vã glória de escrever no presente, a história que vai ser investigada no futuro*. Forum, 22, Braga, pp. 85-92.

SILVA, A. C. e RAPOSO, L. (1996) – *A linguagem das coisas. Ensaios e crónicas de Arqueologia*. Publicações Europa-América.

SILVA, A. C. (1999) – *Arqueologia Portuguesa no Século XX – um testemunho muito pessoal*. Al-Madan, 8, Almada, pp. 133-137.

Notas

¹ Forum, 22, Braga, pp. 85-92.

² Al-Madan, 8, Almada, p. 135.